



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 123-138, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA:

o papel da família no processo de aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental¹

FAMILY AND SCHOOL RELATIONSHIP:

the role of family in the learning process of children from the initially ears of elementary school

Camila da Silva Batista

RESUMO

O artigo apresenta um estudo sobre a relação família e escola no município de Sinop, Mato Grosso. O objetivo foi identificar o papel da família no processo de aprendizagem das crianças no ensino fundamental e para este fim foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas com professoras em duas escolas. A pesquisa foi de caráter descritivo com abordagem qualitativa. Após a análise dos dados obtidos, constatou-se que a participação da família influencia no processo de aprendizagem e que, quanto maior a participação familiar, maiores as possibilidades da criança apresentar um bom desempenho escolar.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Relação família e escola. Desempenho Escolar. Professores. Abordagem qualitativa.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: o papel da família no processo de aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental**, sob a orientação da Dra. Isabela Augusta Andrade Souza, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/2.

This article presents a study on the relation established between family and school in Sinop city Mato Grosso state. The objective was to identify the role of family in the learning process of children from the initial years of elementary school and, on this purpose, bibliographical researches were carried out, as also interviews with teachers in two schools. The research had a descriptive feature with a qualitative approach. After analyzing the data, it was verified that the family participation influences the learning process and that, the greater the family participation, the greater the child's chances of presents a good school performance.

Keywords: Elementary School. Family and school relationship. School performance. Teachers. Qualitative Approach.

Correspondência:

Camila da Silva Batista. Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: kamilaakakamisnp@hotmail.com

Recebido em: 08 de maio de 2019.

Aprovado em: 27 de maio de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3496/2457>

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa buscamos discutir sobre a relação entre família e escola, pelo fato de acreditarmos que a participação da família pode interferir no processo de aprendizagem da criança. Para tanto trouxemos o seguinte questionamento: qual o papel da família no processo de aprendizagem e no desempenho escolar da criança dos anos iniciais do ensino fundamental?

Este trabalho voltou-se para problematizar, descrever e analisar as dimensões fundamentais que envolvem a família e escola no conjunto das relações de aprendizagem das crianças, o desenvolvimento da aprendizagem e os fatores que possam ou não interferir (in)diretamente no desempenho escolar. Ao nosso ver,

²Resumo traduzido pela Professora Ma. Betsemens Barbosa de Souza Marcelino. Professora interina do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

é crucial apreender o contexto em que a criança está inserida. Assim, a pesquisa também apresenta a importância de uma aproximação entre escola e família, a fim de contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

Enquanto forma de obter os dados, optamos por uma abordagem de pesquisa a partir da metodologia compreendida como descritiva e qualitativa, com entrevistas semiestruturadas realizadas em duas escolas do município de Sinop, Mato Grosso, sendo uma da rede pública e outra da rede privada de ensino. Teve como base teórica autores como: Robert Connel (1995), Heloisa Szymanski (2003), Augusto Nivaldo Silva Triviños (1987), entre outros.

Para melhor organização o trabalho foi dividido em: referencial teórico, composto pelo tópico 'relação família e escola', apoiado em autores distintos para buscar e reforçar as ideias apresentadas; metodologia, onde apresentamos as características da pesquisa; e, análise dos dados. Por fim, trazemos nossas considerações finais e a bibliografia consultada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Relação Família e Escola

É no ambiente familiar que as crianças passam a maior parte de seu tempo e, além disso, é na família que encontram os primeiros diálogos, ensinamentos, valores, regras e tantos outros princípios.

A família representa um papel singular no desenvolvimento infantil; precedendo sua capacidade de escolha, constitui-se no primeiro grupo da criança no qual ela satisfaz as suas necessidades básicas e obtém as primeiras condutas sociais. A criança é fortemente influenciada pelo tipo de relação que mantém com cada componente de sua constelação familiar, daí a importância, para o desenvolvimento psíquico da criança, dos papéis que cada um representa e das relações que cada um estabelece com ela. (ALMEIDA, 1999, p. 104).

Entendemos que é deste ambiente que a criança recebe maior influência, pois, “[...] famílias são instituições muito poderosas e sua influência sobre seus jovens membros mostra-se em todos os setores de suas vidas, inclusive no ensino” (CONNEL *et al.*, 1995, p. 186). A partir do momento em que a criança inicia o seu

processo de escolarização, leva consigo para dentro da sala de aula a sua história de vida.

O que as crianças realmente levam para a escola é seu relacionamento com as experiências e estratégias educacionais de seus pais; e esse relacionamento pode envolver rejeição, ambivalência, mal-entendidos e preferências, tanto quanto aprovações e ratificações. (CONNEL *et al.*, 1995, p. 188).

O ambiente escolar por sua vez, deve estar preparado para receber e acolher os diversos perfis de crianças com contextos familiares distintos. Em uma mesma classe que exista uma criança oriunda de uma família que se preocupa com o seu desenvolvimento integral, que a acompanha e motiva em seus estudos, ou seja, uma criança que dispõe de uma riqueza de estímulos; também pode existir, em contrapartida, uma criança proveniente de uma família que não se preocupa com o seu desenvolvimento, que não acompanha os seus estudos, uma criança que não recebe afeto da família.

[...] níveis baixos de educação materna, baixa expectativa de escolaridade por parte dos pais, dificuldades afetivas nas relações entre pais e filhos e estratégias de controle e disciplina deficientes, eventos e condições de vida estressantes no cotidiano tornam o ambiente familiar menos estimulador cognitivamente. (SZYMANZKI, 2003, p. 91).

Assim como existem famílias que se preocupam em acompanhar os estudos de seus filhos, há outras famílias que se negam a auxiliar a criança em uma lição de casa, por exemplo, podendo delegar tudo ao professor.

Pretende-se que as famílias moldem as carreiras educacionais de seus jovens membros de muitas e diversas maneiras: o quanto os pais estão preocupados com o ensino, o modo como os membros da família relacionam-se uns com os outros (conversas à hora das refeições, métodos e disciplina), sua provisão material (por exemplo, um local tranquilo para estudar) e sua estrutura interna em especial a situação matrimonial dos pais). É a combinação destes fatores que os professores têm em mente quando se referem a um aluno como tendo uma situação familiar *boa* ou *má*. (CONNEL *et al.*, 1995, p. 186).

Porém, cada família apresenta uma forma diferente de educar seus filhos. Enquanto algumas famílias entendem que a prática de convivência social, como por exemplo, o respeito com o próximo, deve-se aprender primeiramente em casa, outras famílias preferem delegar esta função à escola. Outro fator que deve ser

levado em consideração, é a questão socioeconômica das famílias. Muitas crianças precisam trabalhar desde cedo para ajudar no sustento do lar, devido às condições precárias em que vivem. A escola, ao reconhecer essa realidade, pode:

[...] dar significância ao ensino, articulando a construção do conhecimento às experiências de vida do educando: o trabalho precoce, a vida na rua, a luta pela sobrevivência junto à família ou longe dela e as questões de gênero e etnia. Tudo isso deve ser levado em consideração na construção do currículo da escola que se pretende comprometida com a formação humana. Afirma a necessidade de que o conhecimento escolar seja organizado levando em conta a cultura local, a linguagem, a forma de expressão, os mitos e ritos presentes na comunidade, o que dará sentido ao conhecimento formal sistematizado que a escola trabalhará. (BRASIL, 2010, p. 51).

Ainda há a 'justificativa' da falta de tempo por parte das famílias. Sabemos que de acordo com a organização de nossa sociedade, na formação da família tradicional, a função de criar e educar as crianças dentro da família, era responsabilidade da mulher. "Quanto ao cuidado com crianças, a responsabilidade recaía (sem contestação) sobre a mulher. Aliás, a ligação dos filhos é mais intensa em torno da figura da mãe e, mãe e filhos, formam um núcleo forte e unido, mesmo nas famílias em que há a presença do pai" (SZYMANZKI, 2003, p. 16). Com o capitalismo houve uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho, o que resultou em uma menor quantidade de tempo para o acompanhamento dos estudos dos filhos.

Desde a conquista do direito ao voto e dos direitos civis após a Primeira Guerra Mundial, é a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e a expansão da educação superior que criam as condições para, a partir da década de 1960, o florescimento do feminismo. [...]. Um aspecto relevante dessa mudança é a alteração do desempenho do papel feminino, tanto no mundo público [...] como no privado (a família). (BOCK, 2008, p. 239).

A intenção aqui não é defender que a participação, ou a não participação da família no processo de aprendizagem da criança, será determinante de seu destino educacional, mas sim, salientar que "[...] a educação do aluno está realmente vinculada de muitos modos às experiências e situações da família" (CONNEL *et al.*, 1995, p. 36). Logo, entende-se que "a escola precisa estabelecer uma relação efetiva com as famílias, e a comunidade local, para conhecer e considerar, de modo

crítico e reflexivo, os saberes, as crenças, os valores e a diversidade de práticas sociais e culturais [...]” (BARBOSA, 2010, p. 04).

Diante de diversas realidades e de acordo com cada modo de vida, na concepção de formação humana o currículo deve ser organizado através de questões concretas da comunidade, de forma democrática, o que inclui os processos participativos e a práxis. Assim, “[...] a organização da escola varia com os tipos de famílias ao seu redor e a natureza de suas práticas coletivas” (CONNEL *et al.*, 1995, p. 74).

Através da participação de todos os envolvidos no contexto escolar - isto inclui gestores, educadores e educandos e toda a comunidade local – faz-se um levantamento de dados pertinentes ao cotidiano desses sujeitos, o que aponta situações-problemas dando origem a um complexo temático que será integrado no currículo da escola. Para tanto, cabe à escola propiciar meios de aproximação da família, sempre de forma respeitosa, com vista a estabelecer diálogos que possam ser favoráveis ao desenvolvimento integral da criança.

É preciso conhecer a pessoa com quem mediamos conhecimentos, compreendendo-a como ser social e histórico que apresenta diferenças de origem socioeconômica, cultural e familiar, entre outras a serem conhecidas, respeitadas e valorizadas no cotidiano escolar. Portanto, compete à escola ajustar-se a essa realidade (BRASIL, 2010, p. 94).

A família deve ser entendida como um complemento no processo de educação da criança e a escola como uma instituição que continuará o processo educativo iniciado pela família. De acordo com Barbosa (2010, p. 04) “as famílias não podem ser vistas apenas como usuárias de um serviço, mas como colaboradoras, isto é, co-autoras do processo educacional [...]”. Esta aproximação da escola com a família só tem benefícios a trazer no processo de aprendizagem e ao desempenho escolar da criança. Dessa maneira, as famílias depositam confiança na escola buscando compreender a importância daquilo que a criança faz nesse ambiente e a criança se sente segura ao perceber que existe um vínculo entre sua família e sua escola.

Uma condição importante nas relações entre família e escola é a criação de um clima de respeito mútuo – favorecendo sentimentos de confiança e competência -, tendo claramente delimitados os âmbitos de atuação de cada uma. (SZYMANZKI, 2003, p. 75).

Além disso, “[...] as famílias irão sentir-se valorizadas na sua função parental, de responsáveis pela educação de seus filhos. [...] É preciso que as famílias conheçam a escola e tenham tido a oportunidade de compreender e discutir o projeto pedagógico” (BARBOSA, 2010, p. 07). Diante disso, notamos que participação da família no processo de aprendizagem da criança é de fundamental importância. A relação entre escola e família tem um potencial muito grande, portanto, elas devem “caminhar juntas”, visando o pleno desenvolvimento da criança.

3 METODOLOGIA

3.1 Classificação da Pesquisa

A pesquisa está classificada como descritiva, pois visa descrever o papel da família no processo de aprendizagem e no desempenho escolar de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. Segundo Gil (2008), as pesquisas descritivas têm como principal objetivo a descrição das características de um grupo e identificação dos fatores que contribuem para a ocorrência de determinado fator. A abordagem do problema é classificada como qualitativa. “A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 269).

Quanto à técnica utilizada para orientar a pesquisa empírica, a entrevista semiestruturada com professores, teve como finalidade capturar as concepções e a forma como se constroem as interações (ou não), entre escola e família, e quais os impactos no desempenho das crianças. Nesse sentido, de acordo com Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada “[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”.

3.2 População e Amostra

A pesquisa foi realizada em duas escolas, uma da rede pública e outra da rede privada, com o objetivo de compreensão das diferentes visões das professoras. No primeiro momento, as professoras foram contatadas e receberam informações sobre como se dariam as entrevistas. No ato de cada entrevista, para cada uma das professoras foi entregue um termo de esclarecimento para o consentimento do procedimento (entrevista), sem nenhum ônus para ambas as partes, bem como um acordo mútuo de confiabilidade e sigilo.

Foram entrevistadas 3 professoras, sendo 2 da escola da rede pública e 1 da escola da rede privada. A escola da rede pública encontra-se situada no município de Sinop, Mato Grosso, no bairro Jardim Boa Esperança, e a escola particular, também situada em Sinop, encontra-se na região central da cidade no bairro Jardim Maringá. As referidas escolas foram escolhidas para a realização da pesquisa devido as diferentes localizações e o contraste socioeconômico.

3.3 Coleta de Dados

Dados primários: foram coletados em contato direto com as entrevistadas (professoras), por meio da pesquisa empírica. De acordo com Tomas (2014), os dados primários são coletados em primeira mão pelo pesquisador, com entrevistas e questionários;

Dados secundários: foram obtidos em contato indireto com o objeto de estudo, através de pesquisas bibliográficas. Segundo Tomas (2014), os dados secundários são obtidos com a ajuda de livros, bibliografias e etc.; dados que já se encontram disponíveis ao público.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para melhor compreensão das questões, e a partir dos temas escolhidos na entrevista, resolvemos caracterizar os mesmos e denominamos de categorias. Segundo Triviños (1987, p. 151), “o valor de assinalar estas possíveis classes de

questões não reside em sistematizar os questionamentos que se façam ao informante, mas em abrir perspectivas para a análise e interpretação de suas ideias”.

Por questões de sigilo conforme combinado com as professoras entrevistadas, não iremos adicionar os nomes das mesmas. Todas serão indicadas por simbologias a saber: P1, P2 e P3. Das professoras entrevistadas, todas são formadas em Pedagogia, sendo que a P1 encontra-se cursando pós-graduação em Alfabetização e Letramento, a P2 possui pós em Educação Especial e a P3 em Psicopedagogia. A P1 atua em uma escola particular e leciona do 3º ao 5º ano. Já as P2 e P3 atuam em uma escola da rede pública e lecionam nos 3º e 4º anos. A partir deste momento, iniciaremos as análises das categorias que se seguem:

4.1 Percepção do professor em relação a atuação da família na escola

Para a primeira categoria, questionamos sobre a percepção das professoras em relação a atuação da família nos dias de hoje. Das três professoras entrevistadas, todas responderam à questão/categoria como se segue:

(01) P1: Isso é bem... relativo. Porque tem as famílias que são extremamente parceiras, que você pode pedir auxílio, que você pode pontuar as questões e eles estão sempre ali... pra ajudar, pra contribuir, pra colaborar com a escola. Como também tem famílias que você precisa se virar e fazer na escola o que você dá conta, porque a criança não tem respaldo nenhum.

(02) P2: Eu tenho 27 alunos no 3º ano, eu não conheço 10 pais dessas 27 crianças, eu conheço 2-3 pais só que vem na escola. Entrega de boletim a gente fica às vezes... a gente tira um dia só pra entregar boletim, você fica a manhã inteira ou a tarde inteira, ou o dia inteiro e vem 3-4 pais buscar o boletim, então a participação dos pais não existe, não tem.

(03) P3: É difícil dizer que 100%... mas em alguns casos a família é mais presente nas séries iniciais, né. Já com os alunos, por exemplo, de 4º e 5º anos, anos maiores, já é bem mais difícil a participação dos pais. E a gente vê assim,

principalmente isso, quando se trata de uma reunião de pais. Você pode fazer reunião de manhã, fazer de tarde, pode fazer a noite, durante a semana, fim de semana, é a... participação deles é muito pouca, é muito pouca mesmo! Então a gente sempre tem que tá fazendo essa reunião de pais com a entrega de boletins geralmente com algum evento, que é pra ver se chama mais ainda a atenção dele.

Conforme observamos nas falas, a P1 mostra uma realidade diferente das outras entrevistas. Um elemento importante, é o fato de que a mesma trabalha em uma escola particular, cuja realidade inclusive é esperada pela professora, pois ao responder essa questão, ela complementa ao dizer que “[...] apesar de ser uma escola que se espera que os pais sejam mais presentes, que tem condições de estar presente e de participar da vida da criança e isso acontece dessa forma”. Ou seja, ela demonstra em sua fala uma expectativa no sentido de maior presença dos pais, uma vez que apresentam uma condição econômica favorável e se pressupõe maior tempo com as crianças.

Já as P2 e P3, apresentam semelhanças nas respostas. Ambas falam de dificuldades da presença dos pais, dando destaque ao que uma profissional diz que de 27 crianças, ainda não teve contato com 10 pais. Ambas atuam na rede pública de ensino, o que mostra que a situação socioeconômica é um fator que pesa nessa relação dos pais não estarem presentes na vida acadêmica da criança. Quando isso acontece, são em momentos específicos, como por exemplo, na entrega de boletim. Há mais a frente outras estratégias para que esses encontros ocorram, o que poderemos observar nas questões adiante. Mas o que chama a atenção, é que de fato, a presença dos pais é algo não usual nas escolas.

Acerca de uma pesquisa com entrevistas semiestruturadas, realizada com mães de crianças de uma escola estadual da região central de São Paulo sobre o significado de avaliação para elas, Szymanski (2003, p. 83), explica que, “algo que não aparece como crítica, [...] é o depoimento de mães que se desculpam por não acompanhar os estudos dos filhos, devido à sua escolaridade insuficiente ou ao fato de trabalharem ou terem mais filhos menores”. Ou seja, podemos comprovar teoricamente que na prática isso é uma realidade muito comum, devido as condições socioeconômicas, os compromissos diários e outros diversos aspectos

que envolvem o contexto dessas famílias, tornando-se um entrave para que haja uma maior participação na vida escolar de seus filhos.

4.2 A participação da família e o desempenho escolar das crianças

Aqui perguntamos às professoras se as mesmas percebiam se as crianças com familiares mais presentes são diferentes no desempenho em sala de aula, daquelas que não vivem essa realidade. As respostas foram:

(04) P1: Sem dúvidas, né! Te dar um exemplo positivo e um exemplo negativo. Tem uma aluna que ela... pai e mãe extremamente participativos contam histórias, eles têm dois filhos na escola, um é pequenininho tá na Educação Infantil e a outra tá na minha sala, 3º ano... contam histórias, desafiam as crianças os dois alunos, quando tem atividades eles são participativos os dois, pai e mãe, nas questões [...] na sala que a gente fala 'pesquisa isso, pergunta pra mamãe' [...] a criança consegue fazer tudo. Em contrapartida, tem também um aluno que eu sei que ele tem potencial pra muito mais, eu desafio ele muito mais, mas a família não me dá respaldo pra isso, mesmo que eu já conversei... tive reunião com o pai, com a mãe, pai e mãe e aluno, e não consigo ter essa devolutiva da família e o aluno não consegue evoluir conforme eu gostaria e conforme a família espera dele. [...] então... são esses dois exemplos que é claríssimo! Família que participa a criança vai embora!

(05) P2: Com certeza! Com certeza absoluta, aquela criança que a mãe... a família é participante na vida dela, nossa, a diferença é enorme! Tanto na disciplina, quanto no zelo com o material, com o próprio aprendizado.

(06) P3: Com certeza! Até mesmo em tarefa de casa, quando eles sentam pra fazer a tarefa junto a gente já percebe. Quando se pergunta o que eles tão fazendo, se tem tarefa, o que tá fazendo na escola, então essa participação é muito boa.

Nos relatos apresentados acima, as professoras não demonstram a menor dúvida de que para a criança, o cuidado da família e o acompanhar de perto, ajuda e muito em todos os sentidos. Bock (2008, p. 118) explica que, "[...] se a estimulação

verbal for muito intensa, uma criança de 3 anos pode ter um repertório verbal muito maior do que a média das crianças de sua idade, mas, ao mesmo tempo, pode não subir e descer uma escada com facilidade se essa situação não fez parte de sua experiência de vida”. Szymanski (2003, p. 62) reforça isso: “as famílias podem desenvolver práticas que venham a facilitar a aprendizagem escolar (por exemplo: preparar para a alfabetização) e desenvolver hábitos coerentes com os exigidos pela escola (por exemplo: hábitos de conversação) [...]”.

Portanto, fica evidente que a participação da família na escola tem grande importância para o processo de aprendizagem da criança e conseqüentemente para o seu desempenho. A família na vida escolar da criança pode proporcionar resultados significativos em seu desenvolvimento escolar. Para tanto, assim como ressalta Szymanski (2003, p. 62), “as famílias têm de dar acolhimento a seus filhos: um ambiente estável, provedor, amoroso”.

4.3 A FAMÍLIA: um desafio, várias estratégias para aproximações possíveis e maior colaboração conjunta

A partir de autores e das falas de nossas entrevistadas, não temos dúvidas de que a participação da família, seja dos pais ou avós, enfim, dos cuidadores e responsáveis diretos da criança, são diretamente responsáveis pelo êxito da criança na escola. No entanto, muitas vezes esse comportamento não é verificado com muita frequência pelos mesmos, no sentido da disponibilidade voluntária. Para isso, as escolas tendem a promover eventos variados para que essa participação ocorra. Vejamos as falas das entrevistadas:

(07) P1: Assim, a escola promove vários momentos [...] de contato com os pais e professores. No início do ano [...] entrega de material já é um contato [...] depois tem uma reunião onde a maioria comparece [...] na entrega de boletim a escola organiza de uma forma que os pais [...] a gente consegue... segurar o boletim da criança e aí o pai precisa ir buscar ali, então não tem outra... né, não tem escapatória. Quando é uma situação mais ímpar que eu preciso realmente conversar é, por semana eu preciso deixar três horários [...] eles organizam o horário de aula da gente, a gente precisa deixar três janelas durante a semana mais ou menos pra atender os pais.

Então se eu tenho alguma situação toda semana eu estou sempre atendendo pais [...] conversar de alguma coisa não só pra criticar ou pra pedir auxílio, mas também pra elogiar, a gente chama pra tudo, sabe. [...] porque eles (a escola) deixam esses momentos abertos né [...].

(08) P2: [...] na entrega de boletins, ou então quando eu tenho um tempo, que eu moro aqui no bairro, eu vou na secretaria e pego o endereço. Aquela criança que tá dando muito problema eu vou atrás, eu vou na casa, eu vou atrás. Aí muitas vezes, aí eu não encontro, a casa tá fechada e eu fico insistindo até que eu desisto. Mas muitas vezes eu encontro e eu converso e trago.

(09) P3: [...] dos meus 3^o anos eu posso dizer que eu conheço 95% dos pais, já dos meus 4^o anos não conheço nem metade. Por isso que eu digo que quanto maiores, é mais difícil a participação deles. Não só em uma entrega de boletins, mas até mesmo num evento. Eles preparam... meus alunos eu preparo eles pra dançar, mas eles acabam vindo até mesmo sozinhos, até em eventos.

Neste momento, nossa análise se volta para duas situações com um forte contraste: a participação dos pais e a não participação dos pais nem mesmo na entrega dos boletins. A P1, diz que a maioria dos pais comparecem nas reuniões da escola, além disso, ela explicita que a instituição promove vários momentos e estratégias para facilitar esse contato com a família. No entanto, as P2 e P3, apresentam uma realidade muito diferente. Elas destacam que mesmo nas situações em que se espera que os pais compareçam, como na entrega de boletim e em reuniões, por exemplo, a participação é pouca, sendo que em casos extremos a professora chega a buscar um contato com essas famílias em suas casas, como relata P2.

Não há uma definição única de família, na forma de um modelo de “família ideal”. O que é ideal para um grupo de pessoas pode passar muito longe do que é ideal para outro. Há famílias e famílias, cada uma com sua especificidade. Podemos tentar, entretanto, pensar em algumas condições que podem estar presentes [...]. (SZYMANZKI, 2003, p. 49).

Podemos pensar, nesse caso, na condição socioeconômica novamente que, como já dito, é um fator que pode influenciar em maior ou menor participação das famílias na vida escolar de seus filhos, “[...] os conflitos entre as famílias e escolas podem advir das diferenças de classes sociais, valores, crenças, hábitos de interação e comunicação subjacentes aos modelos educativos”. (SZYMANZKI, 2003, p. 66).

Após estas análises, confirmamos a nossa ideia inicial quando justificamos a presente pesquisa por acreditarmos que a participação da família pode interferir no processo de aprendizagem da criança. Não nos resta dúvidas sobre o quanto a família influencia no desenvolvimento escolar da criança. “A escola – tanto quanto a família – tem o seu papel no desenvolvimento infantil, e a relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento” (ALMEIDA, 1999, p. 106).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo discorreu sobre o papel da família no processo de aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental e os impactos causados no desempenho escolar. Por meio das pesquisas bibliográficas apresentamos assuntos pertinentes ao tema, relacionando nossas ideias com as dos autores estudados. Foram levantados aspectos sobre a relação entre família e escola. A pesquisa empírica, classificada como descritiva e qualitativa, foi realizada com professoras de duas escolas situadas na cidade de Sinop, Mato Grosso. Realizamos entrevistas semiestruturadas enquanto forma de obter dados.

Pela observação dos aspectos analisados confirmamos nossa ideia inicial de que a família pode interferir no processo de aprendizagem da criança. Percebemos que o fator socioeconômico é um elemento que pesa tanto em maior ou menor participação da família na escola, como no acompanhamento dos estudos da criança. Nesse sentido, as crianças oriundas das classes mais baixas ficam em desvantagem em relação as demais, em relação a qualidade de sua aprendizagem, o que não significa dizer numa certeza ‘inquestionável’, quase que determinista que uma criança de classe social desfavorecida não possa apresentar um bom desempenho escolar. Ou seja, o fator econômico pode influenciar, mas não definir

os resultados no desenvolvimento de cada criança e sua possibilidade de mudar essa realidade no decorrer de sua vida.

Ficou evidente, que quanto maior a participação da família na escola e no acompanhamento dos estudos da criança, melhor é o desempenho (ou ao menos, aumenta e muito essa possibilidade). Assim como, quando a participação não é frequente, os resultados apresentados são (geralmente) insatisfatórios. Sendo assim, há a expectativa por parte das professoras de uma maior participação dessas famílias e nesse momento elas apresentam um importante papel. São observadoras, acompanham o desenvolvimento de cada criança em sala de aula e ao perceberem dificuldades na aprendizagem ou algum comportamento fora do comum, tomam as devidas providências. Ou seja, é um processo de reconhecimento e compreensão de todo o contexto em que a criança está inserida. Logo, cabe à escola promover meios para que haja de fato essa interação. Notamos que as escolas onde as professoras entrevistadas atuam, desenvolvem várias estratégias com esse objetivo.

Ao finalizar as análises, constatamos que a atuação da família no processo de aprendizagem é indispensável para que a criança apresente um bom desempenho. A instituição família é a base da educação da criança, por isso, é imprescindível que haja a interação entre família e escola. Cada uma a seu modo, ao atuarem em parceria contribuem para o pleno desenvolvimento da criança.

Após nossa pesquisa, observações e práticas em estágios que tivemos oportunidade de vivenciar, encerramos aqui com uma certeza e um desejo de atuar neste sentido como futura pedagoga. Assim, encerramos nosso trabalho e desejamos fazer alguma coisa para ajudar a mudar essa realidade quando não acontece, pois acreditamos ser esse também o papel do professor comprometido com a educação de qualidade, seja ela pública ou privada, para o bem maior das crianças e da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999.

BARBOSA, Maria Carmem. Especificidades da ação pedagógica com os bebês. *In*: I SEMINÁRIO NACIONAL, 2010, Belo Horizonte. **Anais**: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte: [s. n.], 2010. p. 1-14. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file>. Acesso em: 26 out. 2017.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRASIL. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. **Orientações Curriculares**: concepções para a educação básica. Cuiabá: SEDUC-MT, 2010.

CONNEL, R. W. *et al.* **Estabelecendo a diferença**: escolas, famílias e divisão social. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PROFESSOR 1. Percepções do professor 1 sobre a relação família e escola. [Entrevista cedida à] Camila da Silva Batista. **Relação família e escola**: o papel da família no processo de aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago/dez.2018.

PROFESSOR 2. Percepções do professor 2 sobre a relação família e escola. [Entrevista cedida à] Camila da Silva Batista. **Relação família e escola**: o papel da família no processo de aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago/dez.2018.

PROFESSOR 3. Percepções do professor 3 sobre a relação família e escola. [Entrevista cedida à] Camila da Silva Batista. **Relação família e escola**: o papel da família no processo de aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago/dez.2018.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Plano Editora, 2003.

TOMAS, Liz. Quais são algumas das diferenças entre dados primários e secundários? **eHow Brasil**, 2014. Disponível em: www.ehow.com.br/quais-algumas-diferencas-entre-dados-primarios-secundarios-lista_231740/. Acesso em: 02 set. 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.